Globethics Repository



Psicologia & economia solidária
[Psychology & solidarity economy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	da Silva Santos, Clarice
Publisher	Editora UnilaSalle
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-11 18:18:16
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/164175

DIÁLOGO ISSN (2238-9024)
http://www.revistas.unilsalle.edu.br/index.php/Dialogo
Canoas, n.31, abr. 2016

http://dx.doi.org/10.18316/2238-9024.16.23

Submetido em: 25/09/2015
Aceito em: 16/03/2016

Psicologia & economia solidária: Possíveis intervenções

Clarice da Silva Santos[1]
Édipo Estery Monteiro[2]
Hélio Possamai[3]
Jocemara Paludo Giombelli[4]
Laura Hofstater Pilati[5]
Mariana Schmitz[6]
Mayara Albuquerque Rodrigues[7]
Regina Ampese[8]
Verenice de Paula Machado Bazzi[9]

Resumo: O presente estudo visa realizar um resgate teórico sobre os sentidos em que envolvem o trabalho na constituição do sujeito social, bem como as implicações tanto do

[1] Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo, e integrante do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: Clarice.consultoriaorg@gmail.com
[2] Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo, e integrante do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: edipopsico@gmail.com
[3] Psicólogo, Especialista em Saúde Publica, Mestre e Doutor em Psicologia. Integrante do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: helioupf@hotmail.com
[4] Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo, e integrante do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: jocemarap_g@hotmail.com
[5] Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo, e integrante do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: laura_pilati@hotmail.com
[6] Acadêmica de Psicologia pela Universidade de Passo Fundo e extensionista do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: maarianafs@hotmail.com
[7] Acadêmica de Psicologia pela Universidade de Passo Fundo e extensionista do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: psico.mayararodrigues@gmail.com
[8] Acadêmica de Psicologia pela Universidade de Passo Fundo e extensionista do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: reginaampese@gmail.com
[9] Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo, e integrante do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Decente: Assessoria em Economia Solidária da Universidade de Passo Fundo. E-mail: verenice.machado@hotmail.com

modelo capitalista, como também de modos alternativos, no caso a Economia solidária, sendo que por meio da Psicologia Social Crítica buscou-se pensar possíveis intervenções no contexto Solidário. Para isso, usou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e como resultados percebeu-se a importância da inserção da Psicologia em tais contextos, auxiliando assim na ressignificação do sentido de trabalho, na compreensão das relações singulares e grupais, que compõe o núcleo das Cooperativas Solidárias.

Palavras-chaves: Economia Solidária; Trabalho; Psicologia Social Crítica.

Psychology & solidarity economy: Possible interventions

Abstract: This study aims to make a theoretical search about the meanings involving the work in the social being constitution, as well as the implications of the capitalist economic system and also of alternative models, in this case the Solidarity Economy, and through Critical Social Psychology. It was sought to find out possible interventions in the Solidarity context. Thereunto, it was used as methodology the bibliographic database, and as results, it was realized the importance of the Psychology insertion in such contexts, helping with the resignification for the meaning of work, on the comprehension of both individual and group relations, which composes the core of Solidarity Cooperatives.

Keywords: Solidarity Economy; Work; Critical Social Psychology.

Introdução

O trabalho tem sido tema central para diversas ciências, como a História, a Economia, Sociologia, o Direito e também para a Psicologia. Contudo, ao serem abordadas questões específicas tais como, a saúde do trabalhador, o sofrimento oriundo de más condições de trabalho e do desemprego, bem como as formas solidárias de trabalho, pode-se observar poucos avanços.

A importância de ampliar escutas e olhares sobre essas questões faz parte de múltiplos esforços no sentido de se compreender a realidade social do trabalhador, identificando a produção de subjetividades e sentidos que, antes de ser individual, é coletiva, social e histórica, relacionando-se com o mundo que a gera. A subjetividade constitui-se, portanto, numa espécie de processualidade constante e se expressa como “afetos” no mundo que nos afeta.

Hoje, muitos são os psicólogos e pesquisadores que se dedicam ao estudo e análise no campo da Psicologia Social e do Trabalho na perspectiva da Economia Solidária. Foi esse o desafio que motivou professor e acadêmicos da área da psicologia, que integram a equipe do Projeto de Extensão Universitária e Trabalho Docente: Assessoria em Economia Solidária da

Universidade de Passo Fundo a produzir o presente artigo teórico acerca da temática Psicologia Social Crítica e Economia Solidária.

Trabalho

É indiscutível a importância do trabalho na vida dos sujeitos. Sabe-se que este implica diretamente tanto na saúde física, quanto mental dos trabalhadores, e constitui-se como um fator de grande relevância dentro da sociedade atual. Barfknecht, Merlo e Nardi (2006, p. 54) consideram que ao longo da história, as relações dos homens e mulheres com o trabalho passaram por transformações vinculadas as mudanças nos processos de produção. Assim, desde a pré-história onde o trabalho era realizado na busca pela sobrevivência grupal, até a atualidade, onde ocorrem mudanças que na organização e no sentido do trabalho.

Como destaca Navarro e Padilha (2007), o sistema capitalista carrega inúmeras contradições relacionadas ao mundo do trabalho. Visto que o trabalho deveria ser fonte de humanização e fundador do ser social, contudo a partir da lógica capitalista o sujeito muitas vezes torna-se alienado, degradado e estranhado. Com isto o trabalho perde a dimensão original e indispensável de produzir coisas que visariam satisfazer as necessidades humanas, para assim atender as necessidades de consumo dessa forma predominante de economia.

No plano da organização do trabalho, as mudanças indicam o surgimento de um reordenamento dos processos produtivos a partir da tecnologia. O novo paradigma de produção já não estabelece a necessidade de referenciais fixos de trabalho. As relações estabelecem-se de forma ambivalente: de um lado, valoriza-se a capacidade de empreendimentos e criatividade do trabalhador; de outro, a organização não se mostra comprometida, nem lhes fornece garantidas de estabilidade, proteção e ascensão funcional. Fonseca (2002) enfatiza que o novo capitalismo não se concentra mais na questão do trabalho propriamente dito, mas na gestão da própria produção. Portanto, fala-se não só das transformações dos modos capitalistas de produzir, mas das transformações socioculturais, econômicas e tecnológicas, que se traduzem em profundos efeitos na ordem social das nações e dos cidadãos.

O trabalho não significa apenas a manutenção e (re) produção das condições materiais de existência mas também a possibilidade de identidade social e valorização pessoal, assim como possibilidade de inserção social, de reconhecimento e de reconhecer-se como sujeito de sua própria existência no mundo. (FAVERO E. e EIDELWEIN K.2004).

Ainda neste sentido como destacam os autores Veronese e Guareschi (2005) o trabalho é espaço privilegiado de constituição do sujeito, entendendo este último como resultado de processos de construção simbólica de sentido. Assim, é possível perceber que o trabalho está implicado diretamente com a vida deste sujeito, pois, segundo Dejours (1999, p.57) "trabalhar não é apenas exercer atividades produtivas, mas conviver com os colegas de trabalho para chegar a uma composição, aprender, opinar, dar parecer e deliberar coletivamente.". Logo, permite uma interação social do sujeito com o meio onde ele vive, proporcionando uma identidade social vinculada ao trabalho exercido e às relações estabelecidas através do mesmo.

Estamos inseridos em um contexto social onde predomina a economia capitalista, cujo os objetivos são baseados nos lucros, e as relações de trabalho primam pela competitividade e objetivam o alcance de metas pré-estabelecidas. Tais relações resultam na manutenção das desigualdades sociais e econômicas. Desta forma, muitos ficam excluídos do mercado de trabalho por não estarem de acordo com as exigências do mesmo. Nos últimos anos, observou-se que os trabalhadores excluídos desse mercado de trabalho procuraram novas formas de inserção, sendo uma delas os empreendimentos de Economia Solidária.

Economia solidária

Segundo Singer (2001, p. 105) a economia solidária compreende diferentes tipos de "empresas", associações voluntárias com o fim de proporcionar aos seus associados benefícios econômicos. Surgindo como uma alternativa frente ao sistema econômico dominante, como uma oportunidade de participar do processo de inserção social pela via do trabalho cooperativo, contrapondo a competitividade capitalista, atuando pelas vias da solidariedade.

Para Paixão (1998) a economia solidária é também chamada de economia social, e é uma alternativa, a nível mundial, para a geração de renda, sendo também uma possibilidade de redefinir as relações entre economia e sociedade, possibilitando uma democratização da vida social. A economia solidária torna-se uma alternativa para aqueles que acreditam em um outro modo de fazer economia, em um outro mundo possível.

Logo, entende-se a Economia Solidária como uma forma de organizar o trabalho que diverge do contexto predominante, visto que suas relações não são definidas pelo capital-dinheiro, mas sim pela valorização, cooperação e preservação tanto dos sujeitos, quanto da

sociedade e das questões relacionadas a sustentabilidade. Busca resultados que contemplem qualidade de vida em um nível macro, ou seja, o valor central define-se pelo saber, a criatividade e a qualidade das relações que ali se estabelecem.

Outros pressupostos da Economia Solidária, referem-se à divisão do capital que deve priorizar por uma divisão justa dos lucros, sem grandes discrepâncias. Sendo que, após realizarem a divisão dos lucros, parte do valor é destinado para novas frentes de trabalho, a gestão ocorre de forma democrática, permitindo a participação coletiva nas decisões que envolvem o empreendimento.

Nesse sentido a organização do trabalho num contexto de economia solidária passa a ser um desafio aos grupos que se propõem a assumir esse modo de sustentabilidade pessoal e social e que deve ser enfrentado diariamente. Enquanto uns trabalhadores percebem e constroem essa experiência como um espaço de aprendizado, trocas sociais, novas formas de relação com o trabalho e com a produção, outros veem esta forma de organização do trabalho apenas como um espaço passageiro e uma alternativa imediata para geração de renda sem comprometer-se com a autogestão.

Psicologia Social Crítica

Muitos são os caminhos teóricos que a Psicologia nos oferece para que possamos compreender e explicar a natureza do vínculo social na ação humana. São enfoques que partem de diferentes pressupostos filosóficos, muitas vezes antagônicos, dos quais nem sempre o investigador está ciente. Buscamos na Psicologia Social Crítica o referencial teórico do presente estudo, pois entendemos que ela concebe o caráter social como uma construção histórica, e que é capaz de explicar a dinâmica relação entre o ser humano e a sociedade, mostrando que não há um sem outro. Logo, em razão desse caráter histórico, é capaz de mostrar

> o que está aí, juntamente com o que não está aí, com a relatividade e a precariedade de todo o presente, tendo sempre a percepção de que tudo é incompleto, tudo contém sua contradição, tudo tem seu outro lado, sua contrapartida, que completa o presente [...] pois, diante do que está aí, lembra também tudo o que não está aí, o lado oculto, não iluminado, silenciado, mas que também é parte da totalidade do fato e do fenômeno, da realidade. (GUARESCHI, 2004, p. 16 - grifo do autor).

O mundo apresentado pela maioria dos psicólogos ainda é o mundo onde a realidade quotidiana parece depender mais dos esquemas perceptivos individuais do que dos processos

de produção e reprodução social, consagrando-se como os ideais para a vida humana as tendências mais individualistas das pessoas. Na perspectiva de uma possível superação da dicotomia entre um reducionismo psicológico e um reducionismo sociológico é que se coloca a dimensão do comunitarismo solidário, tendo como referência uma psicologia social crítica, que junta os dois, o indivíduo e a sociedade, e mostra que um é impossível sem o outro. Assim, passa a ser a ciência do "entre", como nos diz Jovchelovitch (2004):

> Isso significa dizer que o lugar privilegiado do inquérito psicossocial não é nem o indivíduo nem a sociedade, mas precisamente aquela zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois. É nesta zona mais subterrânea de mediações, profundamente relacionada, contudo, com a superfície que ao mesmo tempo ela cobre e revela, é que reside o psicossocial. Categorias como a identidade, o eu, o discurso, a representação e a ação, para citar apenas algumas, são todas produzidas lá, no espaço do "entre". Sem dúvida, este espaço constitui o objeto específico do inquérito psicossocial e é o entendimento detalhado deste espaço que a psicologia social pode oferecer a um diálogo interdisciplinar. (p. 21).

É uma Psicologia que busca compreender o campo das práticas sociais (SILVA, 2004); que se interessa pelos aspectos mais profundos da realidade quotidiana vivenciada pelas pessoas produtoras de suas histórias, ligadas aos outros e que atuam sobre redes de múltiplas vinculações sociais; que se ocupa da dinâmica geral do conhecimento, "através do qual certos conceitos são destruídos e novos são criados", cujo objetivo deve ser "não apenas sistematizar o conhecimento existente, mas propor conceitos inteiramente novos". (MOSCOVICI, 2003, p. 164).

Essas novas realidades sociais e históricas das quais a Psicologia Social deve dar conta podem ser concebidas segundo três aspectos: a) "o papel essencial das particularidades espaço-temporal próprias de cada situação e o processo social; b) o caráter fundamentalmente ativo do sujeito na determinação de seu próprio desenvolvimento e dos processos sociais; e c) a abertura de todos os processos ao novo". (MARTÍN-BARÓ, 1988, p. 60).

Enfocar o caráter social do ser humano dessa perspectiva consiste em analisar as necessidades dos grupos e pessoas. O indivíduo é visto, antes de tudo, como um membro de um grupo social, sem deixar, contudo, de ser uma pessoa singular. Assim, no ser humano se descobre a forma particular de como a realidade do grupo social se faz pessoa, o que equivale a dizer que seu ser e seu atuar estão referidos ou vinculados ao ser e atuar dos demais.

O social se constitui, portanto, no fator fundamental nas relações humanas e está constituído, primeiro, pela situação objetiva que a pessoa ocupa na rede de relações estruturais de uma determinada sociedade, e, segundo, pelo processo que a própria pessoa como sujeito

vai realizando de acordo com esse ponto de vista. É nessa relação entre o ser humano e a sociedade que buscamos os subsídios necessários para conhecer melhor o momento em que vivemos e os desafios e alternativas que se nos apresentam. (MARTIN-BARÓ, 1988).

A ação humana, portanto, não pode ser adequadamente explicada sem se referir às relações do sujeito com as outras pessoas e grupos. Desse modo, uma ação, seja individual, seja grupal, para ser entendida deve fazer referência às demais pessoas e, nessa medida, é social. Toda ação consiste, então, num fazer, num produzir, ou gerar algo, e este produto afeta a totalidade social. A pergunta central poderia ser assim formulada: "Em que medida uma determinada ação se configurou pela influência de outros sujeitos, de que maneira seu sentido total vem precisamente de sua referência do ser e do fazer dos demais?". (MARTIN-BARÓ, 1988, p. 9).

Portanto a psicologia social crítica é aquela que examina o momento em que o social se converte em pessoal e o pessoal, em social. Eis aqui um dado importante, que é a relevância de uma abordagem psicossocial para que possamos compreender melhor os processos sociais, da cooperação, da solidariedade e da ajuda mútua que estão presentes nos ideais dos empreendimentos de economia solidária.

Psicologia Social e Economia Solidária

As intervenções a serem desenvolvidas pela Psicologia, em coletivos solidários devem buscar contribuir para sua organização e gestão – desenvolvendo estruturas e canais de diálogos compatíveis com as necessidades e a cultura dos envolvidos, buscando garantir a organicidade entre as estruturas organizacionais e os sujeitos que delas participam.

Nesta perspectiva é que qualquer intervenção ao iniciar deve reconhecer a existência de saberes subjetivos advindos da historicidade destes sujeitos que se inserem nos grupos de economia solidária. Tal trajetória corresponde ao modo subjetivo de funcionamento dos sujeitos que constituem o grupo, portanto deve ser compreendida e considerada, bem como as particularidades envolvidas no grupo. Deste modo, um grupo é caracterizado pela sua ação grupal ou coletiva, desencadeada por uma consideração mútua, realizando-se com o envolvimento de todos e objetivando o coletivo. Por conseguinte, sua existência dependerá da ação deliberada de seus participantes e este agir coletivo será gerador de outras novas necessidades que realimentarão as relações entre os sujeitos e seus interesses em trabalhar coletivamente. (COUTINHO *et al* 2005, p.21)

Guareschi (2004, p. 60-61) afirma que a palavra mais rica de possibilidades na compreensão dos fenômenos sociais é justamente a relação no e entre os grupos. No que diz respeito ao trabalho, as relações são importantíssimas e sempre devem ser levadas em conta, pois muitas vezes a forma como essas relações são estabelecidas podem dizer muito sobre um determinado contexto, um determinado empreendimento. Ainda este autor, refere que o conceito de relação é o "conceito central para a compreensão do ser humano, para a compreensão da sociedade, do que é social, do que é um grupo". Relação é o "direcionamento *intrínseco*, isto é, do próprio ser, em direção a outro ser. Mas esse ser, essa realidade, continua "uma", com a diferença que há nela algo que, necessariamente, isto é, na própria definição, o obriga a se ligar a outro, a incluir em si um outro, ou outros".

Para haver "relação" não é necessário que haja duas coisas: basta apenas uma que contenha em si, em sua definição, a necessidade, a orientação intrínseca em direção a outro(s). Relação nem sempre é algo que une, que ligue duas coisas. Nem sempre é assim. O conflito, por exemplo, é uma relação, como rejeição, a exclusão. Relação existe sempre que uma coisa não pode, sozinha, dar conta de sua existência, de seu ser. O conflito, a exclusão, são relações, pois, ninguém pode brigar sozinho, e se há exclusão, há sempre dois interligados: alguém que exclui e alguém que é excluído. A percepção da relação é, pois, uma percepção dialética, percepção de que umas coisas "necessitam" de outras para serem elas mesmas.

Logo, o fazer da psicologia remete-nos a um trabalho de promoção de saúde, em que os sujeitos do processo sejam levados a encontrar recursos que viabilizem a criação de alternativas para a solução de problemas, visto que, o objetivo da Economia Solidária é de constituir meios alternativos às relações sociais de produção e gestão centradas nos conceitos do capitalismo, porém, por estar inserida em um contexto social marcado pelo estilo capitalista, os conflitos para a concretização de seu ideal se fazem presentes. Nessa perspectiva, a Psicologia tem muito a contribuir, tanto no que diz respeito a incitar o debate no grupo, oferecendo novos ângulos e contribuições, quanto ao apresentar novas possibilidades de intervenção junto aos empreendimentos. Trata-se de aplicar estratégias que resgatem a cidadania e a consciência coletiva, favorecendo a reflexão dos trabalhadores sobre seu potencial como agentes de mudanças sociais. Bogdanovicz, De Moura e Cunha (2014), são mais didáticos ao dizer que:

> "o trabalho do Psicólogo junto à Economia Solidária visa garantir: vivências autogestionárias, criação e manutenção dos vínculos intragrupais, comunicação assertiva, construção da autonomia, solidariedade, aumento da auto-estima do trabalhador, senso de pertencimento ao grupo, conciliação

> entre interesses individuais e coletivos, participação ativa e consciente no grupo e em demais espaços de atuação política, manejo de conflitos, participação igualitária, entre uma infinidade de outras possibilidades, respeitando a singularidade de cada indivíduo e de cada coletivo" (p. 3).

Pode-se dizer então, que a psicologia ao inserir-se no contexto da Economia Solidária deve visar o desenvolvimento da solidariedade e da autonomia, buscando ressignificar a identidade do trabalhador e do cooperado, fortalecendo deste modo o vínculo grupal, buscando o desenvolvimento da consciência crítica, da ética, da solidariedade e de práticas cooperativas ou autogestionárias, a partir da análise dos problemas encontrados no cotidiano da comunidade.

Considerações finais

Os sujeitos que nos referimos no decorrer deste estudo, de certa forma, ao optarem pela inserção num modelo de Trabalho Cooperativo, embasado nos moldes da Economia Solidária**,** tem sua trajetória marcada pela exclusão ou não adaptação ao modelo dominante. Mediante a isto, buscam novas formas de ingressar-se no contexto social que envolve o trabalho. Embora muitos encontrem na Economia Solidária, uma fonte de renda transitória e passageira, outros veem nela um modelo identificatório, não só de geração de trabalho e renda, mas de inserção social contrapondo a competição imposta pelo modelo dominante, através das práticas solidárias, bem como uma forma de aprendizagem profissional e de desenvolvimento da autogestão.

Ainda, os sujeitos que dela fazem parte, na maioria das vezes, tiveram suas experiências enraizadas neste contexto excludente do mundo globalizado. Neste sentido, a Psicologia enquanto ciência pode atuar na área do trabalho procurando realizar um resgate das experiências destes trabalhadores, assessorando-os na construção de uma consciência crítica, propondo novas formas de experienciar o trabalho, reconstruindo vínculos e reivindicando direitos. Bem como, compreender as relações que ali se constituíram, afim de auxiliá-los no desenvolvimento dos preceitos básicos como a autogestão e o trabalho cooperativo. Aplicando estratégias que resgatem a cidadania e a consciência coletiva, favorecendo a reflexão dos trabalhadores sobre seu potencial como agentes de mudanças sociais.

Enfim, através da Psicologia Social Crítica busca-se uma compreensão macro de tal contexto, examinando o momento em que o social se converte em pessoal e vice-versa, o que torna de grande valia uma abordagem psicossocial para que possamos compreender melhor os

processos sociais que se fazem presentes nos ideais dos empreendimentos de economia solidária. Além de uma sistematização das teorias, se faz necessário reinventar práticas a fim de atender as necessidades que surgem nos grupos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, jan. de 2007. Disponível em: <cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C5_Como_fazer_pesquisa_bibliografica.pdf . >Acesso em: 03 de jul. 2015.

BARFKNECHT, Kátia S.; MERLO, Álvaro R. C.; NARDI, Henrique C. Saúde Mental e Economia Solidária: análise das relações de trabalho em uma cooperativa de confecção de Porto Alegre. **Psicologia & Sociedade**. v. 18, n. 2 mai-ago. 2006. Pag. 54-61.

BOGDANOVICZ, Fabiane; DE MOURA, Reidy; CUNHA, Luiz. O Trabalho Da Psicologia Dentro Da Incubadora De Empreendimentos Solidários. In: **Encontro Conversando Sobre Extensão na Universidade Estadual de Ponta Grossa**. 12, 2014. Ponta Grossa. Resumos... Disponível em: <http://sites.uepg.br/conex/anais/artigos/25-1403-1-DR-mod.pdf> Acesso em: 03 de julho de 2015.

COUTINHO, Maria; *et. al.* Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a Psicologia em empreendimentos solidários. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n.1, Jan./abril de 2005.

DEJOURS, Christophe Jacques. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FAVERO, Eveline; EIDELWEIN, Karen. Psicologia e Cooperativismo Solidário: Possíveis (Des)Encontros. In: **Psicologia & Sociedade**; v. 16, n3; set/dez.2004

FONSECA, Tânia M. G. Modos de trabalho, modos de subjetivar em tempos de reestruturação produtiva. In FONSECA, Tânia Gali (Org.) **Modos de trabalho, modos de subjetivar em tempos de reestruturação produtiva: um estudo de caso.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2002. P.13-27.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Psicologia social crítica**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & sociedade**, v. 16, n. 2, maio/ago. 2004, p. 20-31.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. **Accion e ideologia**: psicologia social desde Centroamerica. UCA Editores, San Salvador / El Salvador, C.A, 1988.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO: **Secretaria Nacional de Economia Solidária. Autogestão e o Novo cooperativismo.** Brasil, maio 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

Navarro, Vera Lucia, & Padilha, Valquíria. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. In: **Psicologia & Sociedade**, v.19, p.14-20. Porto Alegre, 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822007000400004&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-71822007000400004>. Acesso em: 08 de julho de 2015.

SANCHEZ, Fabio e KRUPPA, Sônia. **Metodologias de incubagem** – uma tentativa de problematização (versão preliminar) – Projeto Incubadores 2001. Mídia eletrônica.

SILVA, Rosane Neves. Notas para uma genealogia da psicologia social. In: **Psicologia & sociedade**, v. 16, n. 2, maio/ago. 2004, p. 12-19.

SINGER, Paul. Economia solidária versus economia capitalista. In: **Sociedade e Estado**, v. 16, n1-2. Brasília, 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922001000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 de julho de 2015.

VERONESE, Marília Veronese; GUARESCHI, Pedrinho. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da Psicologia Social Crítica. In: **Psicologia & Sociedade**; v.17, n.2; mai/ago.2005, 58-69.